

# O contributo do CIAS para o conhecimento das populações humanas pretéritas

TRÊS SESSÕES INTEGRAM A COMEMORAÇÃO DOS 25 ANOS DO CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM ANTROPOLOGIA E SAÚDE (CIAS). A PRIMEIRA, NO DIA 18 DE OUTUBRO, COMEÇOU COM A PALESTRA “ANCIENT MYCOBACTERIUM LEPRAE GENOMICS: HOW ANCIENT DNA CAN HELP DECODING LEPROSY’S PAST”, PROFERIDA POR VERENA SCHUENEMANN (UNIVERSITY OF ZURICH), SEGUINDO-SE APRESENTAÇÕES DE QUATRO INVESTIGADORES DO CIAS. AS PRÓXIMAS SESSÕES ESTÃO AGENDADAS PARA 7 E 15 DE NOVEMBRO DE 2019.



Maria João Neves

## 5000 anos na Terra: perspetivas em torno do uso dos hipogeus no sul de Portugal

As primeiras incursões em sepulcros colectivos são antigas. Em Portugal, a sua exploração sistemática com métodos de escavação pouco rigorosos resultou numa acumulação de séries pobremente contextualizadas e por vezes truncadas.

Em consequência, as práticas e os gestos funerários levados a cabo nos sepulcros colectivos, e mormente em hipogeus, eram insuficientemente compreendidos, urgindo realizar novos trabalhos.

Para cumprir tal desiderato realizou-se:

- o estudo retrospectivo do hipogeu de Monte Canelas I (Portimão), recorrendo aos dados da escavação efectuada na década de 1990;
- a escavação dos hipogeus I e 2 do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo).

Assim, pôde-se concluir que estes espaços exíguos foram utilizados para depositar os cadáveres tanto de crianças como de adultos, de ambos os sexos, cuidadosamente acondicionados e mantidos durante largas centenas de anos. A biografia destes monumentos, ilustra essa ampla diacronia, testemunhando também a rica e complexa relação entre os vivos e os mortos no 4º e 3º milénio a.C. no sul de Portugal.



Filipa Cortesão Silva

## Cremação na província Lusitania

“A descoberta de áreas funerárias pertencentes à província romana da Lusitania tem suscitado estudos centrados nas características das sepulturas e do espólio que as integra. A nível antropológico a análise tende a restringir-se às inumações, não abarcando os restos ósseos cremados, conquanto estes últimos representam a maioria dos enterramentos datados

entre os séculos I e II d.C”. Face a esta realidade, o trabalho de Filipa Cortesão Silva teve como propósito colmatar lacunas nos conhecimentos sobre o mundo funerário romano sob o prisma da cremação na Lusitania. Para tal, procedeu ao exame de espólio osteológico de áreas funerárias nas cidades de Mérida, Espanha, e de Alcácer do Sal, Portugal. “Os vestígios ósseos e dentários foram sujeitos a análise macroscópica, radiológica e métrica a fim de reunir informações sobre o perfil biológico dos indivíduos e eventuais indícios de patologias, assim como do processo de cremação e de gestos funerários associados”.



Ana Curto

## A paleopatologia e a análise de isótopos

“Há uma interação bidirecional entre nutrição, infeção e imunidade. Enquanto a boa nutrição melhora a resposta do sistema imunológico, os déficits imunológicos, após a desnutrição no início da vida, têm demonstrado persistir por semanas e até anos”. Nesse sentido, combinando a análise osteológica e arqueométrica,

o estudo de Ana Curto fornece novas perspetivas sobre a sinergia entre dieta e saúde, explorando análises de isótopos estáveis. É pretensão da autora avaliar se as razões de isótopos estáveis podem ser usadas como uma ferramenta para estudar o impacto da dieta na suscetibilidade dos indivíduos a patógenos. Este estudo visou entender os mecanismos fisiológicos do stress e da doença, antes do advento da medicina moderna e na ausência de antibióticos, além de melhorar a interpretação dos dados isotópicos da dieta. As amostras em estudo foram recuperadas em Santa Maria do Olival, Tomar (séculos XI a XVII).



Bruno Magalhães

## Paleopatologia de algumas doenças e variações sinonasais em crânios humanos identificados

“O nariz externo, cavidade nasal e seios paranasais são estruturas chave cujo normal funcionamento pode ser dificultado por diversas variações e doenças do trato respiratório superior”, tanto atualmente, como no passado. Na sua tese de doutoramento,

Bruno Magalhães focou-se no estudo sistemático de variações e alterações patológicas que afetam a anatomia sinonasal do crânio humano (seja o trauma nasal, rinite, sinusite, desvio do septo, concha bolhosa, entre outras), assim como o seu possível impacto na morfologia craniofacial. Foram estudadas três coleções osteológicas identificadas, provenientes de Coimbra e Lisboa, que incluem 2024 indivíduos que viveram entre 1804 e 1981. “Apesar de estudarmos populações do passado, são lesões que podem ser também muito limitantes e desagradáveis ao longo de toda a vida na atualidade, como é o caso da rinite ou da sinusite. E ao estudarmos como as lesões atuam diretamente no osso temos essa vantagem em relação à clínica, com quem é de toda a utilidade criarmos pontes para melhor percebermos como estas doenças evoluem”.